



1º Encontro Nacional de Mulheres Jornalistas da FENAJ

Carta de São Paulo

POR EQUIDADE, SEGURANÇA E RESPEITO!

Ao longo da história do jornalismo brasileiro, em especial após os anos 1980, são inegáveis as mudanças nos espaços de trabalho, no perfil profissional e nos cargos executivos das empresas jornalísticas e assessorias de imprensa. Hoje, quando olhamos para o cenário da nossa atividade profissional, um ponto chama nossa atenção: nós mulheres somos maioria da categoria.

Os dados da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro – 2021, produzida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), não deixam dúvidas de hoje o jornalismo brasileiro é majoritariamente feminino: (57,8%), branco (68,4%) e com até 40 anos de idade (62,3%). Metade de nós trabalha fora da mídia (50,2%) e a outra na mídia (49,7%).

Quando o assunto é garantia de direitos, condições de trabalho, valorização e igualdade de oportunidades, vivenciamos cenários de desigualdades, preconceito e violência baseada em gênero/cor. Para se ter uma ideia, pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) - produzida pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) – mostra que a remuneração média nominal recebida por nós mulheres em 2021 foi de R\$ 5.575,4, enquanto a dos homens era de R\$ 5.914,7.

Além disso, ainda somos minoria nos cargos de poder e tomada de decisão. Segundo a pesquisa “Mulheres e liderança nos meios de comunicação 2024: Evidências de 12 mercados”, do Instituto Reuters, ocupamos apenas 23% dos postos mais elevados de comando nas principais organizações de mídia do Brasil

Vale dizer que não é somente a desigualdade salarial e a desvalorização que enfrentamos. Hoje, compreender as realidades e as adversidades vivenciadas por nós, que passamos a ocupar majoritariamente as redações e assessorias, torna-se fundamental para traçar uma linha de combate a essas desigualdades e violências.

Pela primeira vez, mais de uma centena de nós, de todas as regiões do país, nos reunimos, presencial e remotamente, no 1º Encontro Nacional de Mulheres Jornalistas, para discutir caminhos eficazes rumo à equidade de gênero.

No encontro, nossas vozes se uniram não só em dizer um basta ao machismo e à misoginia impostos dentro e fora das redações, mas de organizar a luta de maneira a fazer valer o direito de cada uma e de todas nós de ter as mesmas oportunidades que os nossos colegas, sem que nosso gênero dite pautas ou possibilidades de ascensão



funcional. É direito de toda mulher jornalista exercer a profissão com segurança e, para isso, poder contar com políticas eficazes dos governos e das empresas.

Tais condições passam, impreterivelmente, pela garantia de direitos básicos como o acesso a creches públicas ou fornecidas pelas empresas; a liberdade de escolher o que vestir ou usar, sem os filtros de padrões de beleza; o combate ao etarismo e a valorização da história e memória construídas pelas e pelos profissionais. Também vale reafirmar a luta pela revogação das reformas Trabalhista e Previdenciária que afetaram, para pior, o mundo do trabalho, violando e suprimindo direitos.

A FENAJ e seus 31 Sindicatos de Jornalistas filiados defendem que para avançar na construção de um cenário mais igualitário no jornalismo, é fundamental aprofundar o debate em torno da nossa posição no campo, inclusive com o foco em políticas voltadas especificamente para nós e com vistas a combater as assimetrias de qualquer ordem.

Fortalecer as entidades de classe representativas e fomentar, a partir disso, políticas sindicais com recorte de gênero, bem como estimular a criação de comissões de mulheres nos Sindicatos também se tornam fundamentais para garantir um processo efetivo de mudança.

Diante dos três painéis apresentados ao longo do dia, aprovamos no nosso 1º Encontro Nacional a criação de um grupo de trabalho nacional que possa organizar as contribuições dadas no evento e construir ações que deem resolução às nossas demandas, como a criação de um Protocolo de Prevenção e Ação contra a Discriminação, Assédio e Violência no Trabalho Jornalístico.

Lute como uma jornalista!

São Paulo, 9 de novembro de 2024.